



Filmes que Eu Amo, III

Masterclass de História do Cinema

Sessão 16 – 14 de setembro de 2021 | A PANTERA (1942)

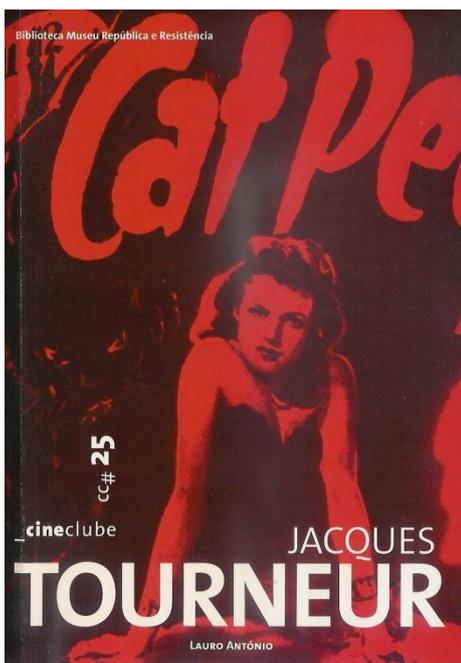
1. JACQUES TOURNEUR



Jacques Tourneur é um dos meus cineastas preferidos ao nível do cinema fantástico, ainda que tenha assinado um conjunto de obras onde se destacam outras pérolas de diferentes géneros de que muito gosto - além de “Cat People” (A Pantera), um dos meus must, ele dirigiu “I Walked with a Zombie” (Zombie), “The Leopard Man” (O Homem Leopardo), “Experiment Perilous” (Noite na Alma), o fabuloso “filme negro” “Out of the Past” (O Arrependido), “Berlin Express” (O Expresso de Berlin), um magnífico “Stars in My Crown” (Estrelas da Minha Coroa), “The Flame and the Arrow” (O Facho e a Flecha), “Night of the Demon” (Noite do Demónio) ou “Nightfall” (Ao Cair da Noite), entre outros, o que demonstra bem o seu imenso talento.

Jacques Tourneur, ao lado de James Whale, Tod Browning, Terence Fisher, Mario Bava (e poucos mais) é um dos realizadores que não sendo considerados génios como Murnau, mais e melhor pugnaram por um cinema fantástico que fosse não uma fonte de medos inconsequentes, mas obras que abrem para os domínios da psicanálise e do onírico que, em vez de mostrarem, sugerem, o que torna muito mais fascinantes as suas obras.

Jacques Tourneur é de origem europeia, nasceu em Paris a 12 de Novembro de 1904 e vem a falecer em Bergerac, Dordogne, Aquitânia, França, a 19 de Dezembro de 1977. Filho de uma atriz célebre, Van Doren (cujo nome verdadeiro era Fernande Petit) e de um excelente cineasta, Maurice Tourneur (Maurice Thomas, na realidade), estuda primeiramente no liceu Montaigne, depois no Lakanai, até que, em 1914, parte com a mãe para Hollywood, juntando-se a seu pai que já lá trabalhava desde Maio desse ano. Mas fica em Nova Iorque a estudar, frequentando a New York Public School. Só em fins de 1918 voltaria à Califórnia para junto dos pais, matriculando-se então na Private School of Santa Barbara, depois na Hollywood High School, onde esteve até Junho de 1924. Tornara-se cidadão americano em 1919, e, em 1922, aproveitando umas férias, fizera figuração em “Scaramouche”, de Rex Ingram.



Quando acabou os estudos, iniciou logo uma carreira ligada ao cinema, primeiramente como “script-clerk” nos últimos seis filmes rodados pelo pai nos EUA, depois como “stock-actor” nos estúdios da Metro Goldwing Mayer. Em fins de 1929 regressa à Europa, primeiro à Alemanha, depois a França, acompanhando o pai, sendo seu assistente, e mais tarde começando a colaborar também na montagem. Passa à realização e dirige algumas comédias. Em 1935, já casado, decide arriscar na América, onde recomeça como realizador de segunda equipa e depois passou a dirigir curtas-metragens para o departamento especial da M. G M. Depois de três anos de aprendizagem na escola do documentarismo, foi um pouco por acaso que Jacques Tourneur rodou a sua primeira longa-metragem, “They All Come Out”, em 1939, a que se segue aquele que poderá ser considerado o seu primeiro filme de fundo, idealizado inicialmente como tal. Trata-se de “Nick Carter, Master Detective”, com Walter Pidgeon. Em 1942, será a vez de ingressar na RKO, para onde vai ser conduzido pela mão amiga de Val Lewton, iniciando uma série de obras de cariz fantástico, que o lançarão definitivamente como realizador e autor de um estilo muito pessoal.

O meu gosto por este realizador fica bem testemunhado por duas publicações que lhe dediquei. Primeiramente, um opúsculo lançado pelo

Fantasporto, em 1985, aquando da realização de uma retrospectiva deste cineasta nesse festival. Livrinho que teve a infelicidade de ver algumas páginas trocadas, o que foi ultrapassado numa nova edição, corrigida e aumentada, desta vez lançada pela Biblioteca Museu República e Resistência, no ano de 2005.

2. A PANTERA



Jacques Tourneur conheceu Val Lewton durante a rodagem de “A Tale of Two Cities”, em 1935, e entre ambos estabeleceu-se uma sólida amizade. Quando Val Lewton foi convidado para ser produtor da RKO não esqueceu Jacques Tourneur para o seu primeiro projecto, hoje em dia um filme mítico, um “cult movie”, que quase todos consideram uma obra-prima do cinema fantástico, e de que Paul Schrader retirou em 1982 um “remake” “actualizada”, e bastante interessante, ainda que definitivamente “menor” em relação ao original. Falamos de “A Felina” (Cat People), com argumento escrito por DeWitt Bodeen e Alan Ormsby”, com interpretação de Nastassja Kinski e Malcolm McDowell.

Na verdade, um tal filme deverá ter causado alguma estranheza aquando da sua estreia. Os filmes fantásticos, sobretudo os de terror, viviam nessa época essencialmente dos grandes monstros míticos, como Frankenstein, Drácula ou a Múmia, quase todos eles produzidos pela Universal na década de 30, e esse fantástico de sugestão, mais pressentido que visto, mais de clima e ambiente do que de situação, terá provocado obviamente um certo retraimento inicial. Nenhum cinema o quis estreiar, até que o “Hawaii Cinema”, uma sala recentemente inaugurada que havia estreado “Citizen Kane”, de Orson Welles, produzido igualmente pela RKO, se arriscou, dado que não tinha nenhum outro filme para ocupar a semana que se seguia. Mas, nessa semana de contrato, o filme bateu todos os recordes e na segunda semana o sucesso aumentou. Os exibidores criaram então uma sessão extra, às 10 horas da manhã, para as semanas seguintes. “Citizen Kane” fizera doze semanas, “Cat People” atingiu as treze e com este triunfo salvara a produtora de uma possível ruína, já que esse ano de 1941 fora particularmente mau para a casa, um pouco por causa de “Citizen Kane” e dos problemas que a obra de estreia de Orson Welles provocara.

“Cat People” é um filme exemplar das características e dos métodos de Jacques Tourneur. Atenemos um pouco nele. A obra abre com uma citação que introduz o tema: “Tal como a neblina paira sobre o vale, assim também o pecado ancestral adere às regiões mais profundas da consciência” (Louis Judd, in “The Anatomy of Atavism”).

Junto à jaula de uma pantera, num jardim zoológico, uma mulher desenha alguns esboços que a não satisfazem, deitando as folhas fora. Uma delas é apanhada por Oliver Reed, que se serve disso para meter conversa com a desenhadora. Quando deixam o jardim, outra folha rasgada é levada pelo vento, e mostra uma pantera atravessada por uma espada.

No caminho para casa, Oliver Reed apresenta-se a Irene Dubrova, e procura um processo para a convidar para um chá no dia seguinte. Ao chegar, porém, Irene afasta os rodeios e convida-o directamente para esse chá em sua casa. Ao entrar a porta da rua, Reed detém-se um instante, olhando as escadas antigas, e afirma que “nunca o deixa de maravilhar o que está por detrás de uma fachada”. O que estará por detrás do rosto de Irene Dubrova e do seu mistério é a razão primordial do seu fascínio.



Ao entrar na sala de Irene, um perfume “quente e humano” surpreende-o. Uma elipse mostra-nos, momentos depois, com a noite a cair sobre a cidade, Irene cantando junto à janela, após o que se ouvem, como se de uma resposta se tratasse, os leões no zoo próximo. Ela acha-os “naturais e repousantes”. Apenas a pantera “a intimida, com o seu grito de mulher”. Dá-se então conta da escuridão que envolve o quarto, mas explica que a encontra “amigável”. Uma estatueta equestre de um cavaleiro, com uma espada trespassando um felino, intriga Oliver Reed. Irene explica-lhe que se trata da imagem de “D. João da Sérvia, um rei que expulsou os mamelucos do seu país e libertou o povo de influências satânicas”. O gato que a espada trespassa é “o símbolo dos vícios”. Mas alguns membros dessas seitas pecaminosas,

seguidoras de Satanás, refugiam-se na sua aldeia natal. Por isso ela se sente ameaçada.

No dia seguinte, antes de se encontrarem para jantar, Reed compra um gatinho que pretende oferecer a Irene, mas o bicho reage mal na presença da rapariga, e esta confessa-lhe que “os gatos não gostam dela”. Propõe trocar o animal por outro (para o que ambos se dirigem à loja, onde a presença de Irene desperta um verdadeiro vendaval junto dos animais enjaulados e assustados. A dona da loja afirma que “se pode enganar toda a gente, menos os gatos. Eles têm reacções psíquicas que identificam o mal”).

Depois de uma nova elipse, vamos encontrar Irene e Reed junto à lareira. Reed adormecera, Irene vigia-lhe o sono. Confessam o seu amor, ele estranha que ainda não se tenham beijado. Mas Irene teme esse momento.

Num restaurante sérvio, onde o casal comemora o casamento, na companhia de alguns amigos, uma mulher fatal, que todos identificam com uma gata, dirige-se em servo a Irene, e chama-lhe “irmã”, o que visivelmente a transtorna.

Em casa, junto do marido, recusa toda a intimidade e pede a Reed ternura e compreensão. Ela teme o momento de ambos se tocarem. Voluntariamente enjaulada no seu quarto, Irene esboça um gesto para abrir a porta que a separa do marido, mas o grito longínquo da pantera afasta-a dos seus propósitos. Um mês depois, de novo de visita ao zoo, encontra o empregado de limpeza, junto da jaula da pantera. Ele não estranha que ela não tenha aparecido durante tanto tempo: “As pessoas felizes não vão visitar aquele animal, que a Bíblia, nas “Revelações”, descreve como uma besta que se assemelha ao leopardo, sem o ser”.

O canário que tem em casa morre com o susto da proximidade de Irene e esta vai levar o cadáver da ave à pantera do zoo, confessando depois a Reed que teve o impulso de abrir a jaula e libertar a fera. O marido percebe então que algo de grave se passa no seu espírito. Nada de errado há com ela, a não ser essa crença que é necessário anular, para o que propõe uma consulta a um psiquiatra.

Num consultório completamente na penumbra, apenas com parte do rosto de Irene iluminado, esta, hipnotizada, vai revelando ao Dr. Judd os temores que a perseguem e atormentam. Recapitulando o que de mais importante ouvira, o médico refere-se a “essas mulheres sem controlo nas paixões que matam o amante”. Irene julga-se filha de uma mulher-gata, particularmente ciumenta, e grande parte dos seus presságios confirma-se quando encontra, em sua casa, junto do marido, Alice, a quem Reed havia revelado as inquietações da mulher, o que esta não desculpa. É a revelação da sua intimidade que a revolta, mas sobretudo os ciúmes que a invadem.

Afasta-se das consultas do Dr. Judd, que ela acha que não a podem ajudar, mas este vai encontrá-la junto à jaula da pantera, onde resistiu a libertar a fera, e ambos falam da “subtil distinção entre espírito e alma. O seu espírito nada tem, mas Irene acredita que a sua alma está contaminada”.

Num dos dias seguintes, Oliver Reed tem de trabalhar à noite e sai de casa. Irene, desconfiada, telefona para o escritório, onde Alice lhe responde, e vem surpreender ambos, ocasionalmente, num restaurante. Persegue então Alice pelas ruas mal iluminadas, nas quais se pressente uma transformação. Alguns animais são mortos pelo caminho, e as pegadas de uma pantera que se afasta vão dando lentamente lugar às marcas de uns sapatos de mulher, de saltos altos. Nessa noite, os pesadelos invadem o sono de Irene que vê o mal a espalhar-se pelo mundo, sob a aparência de uma pantera, associando a figura do psicanalista a João da Sérvia que, de espada em punho, procura afastar o vício.

Chega-se à cena mais célebre de “Cat People”. Alice vai tomar banho a uma piscina pública. Irene persegue-a. Um pequeno gato preto circula por ali, de forma a introduzir uma zona de ambiguidade em tudo o que depois irá acontecer. Quando Alice apaga a luz da piscina, depois de tomar banho, e se prepara para a abandonar, ouve o rugir de uma pantera e vê, reflectida, a sombra de um felino. Refugia-se no centro da piscina, grita por socorro, mas, quando as empregadas chegam, vêem Irene que explica que a amiga se assustara quando ela apareceu na escuridão. Tudo parece estar resolvido, excepto o roupão de banho de Alice, que se encontra completamente esfrangalhado, transformado o tecido em tiras, pelas unhas cortantes, ou a faca, ou as garras, de algo ou alguém que, entretanto, por ali passara. Quem? O quê?

Irene regressa então ao psicanalista que lhe diz que “essas alucinações são perigosas, que a fuga para a fantasia está à beira de a levar à loucura: Só você pode ajudar-se a si própria”. Mas, quando Irene se afasta, olha-a com o desejo de quem sabe que aquela mulher encerra algo de fascinante que ele mesmo irá tentar descobrir. Depois de algumas peripécias, depois de uma nova perseguição de Irene a Alice no escritório de Reed, que este esconjura com a sombra de um pedaço de madeira que se projecta como uma cruz, o Dr. Judd irá encontrar Irene e beijá-la. A transformação em pantera pressente-se de novo através da iluminação que se extingue, e assiste-se a uma luta entre ambos que acabará com a morte do psicanalista e a fuga de Irene com o peito trespassado por parte da espada que nele se partira. Dirige-se até ao jardim zoológico, onde liberta finalmente a pantera enjaulada, que, ao saltar para a rua, é atropelada por um carro, enquanto lá dentro sucumbe também Irene, prostrada pela ferida que transportava consigo, Reed e Alice apenas confirmam a sua morte e os seus temores: “Ela nunca nos mentiu”. Afastam-se, pois, por entre o nevoeiro, enquanto nova citação encerra o filme: “Mas o pecado mais negro traiu a noite sem fim. Ambos, partes do meu mundo, pecado e noite, têm de morrer.”

Todo o cinema de Tourneur se encontra encerrado nesta obra. A dualidade de personagens que coexistem em Irene (a tranquilidade doce da sua aparência, a violência brutal do seu íntimo), a oposição entre a luz e as trevas (identificando-se aqui noite com pecado: é na escuridão que Irene se transforma, real ou metaforicamente, nessa pantera de instintos indomináveis que aterroriza a outra Irene), o estilo narrativo onde predomina a elipse, onde se subentende sempre mais do que se mostra claramente, o tipo de iluminação que cria zonas de sombras ameaçadoras, e projecta sobre os personagens, redes e teias que os aprisionam (em quase todo o filme as grades das janelas projectam-se sobre os personagens como prisões invioláveis), o próprio estilo de representação, quase segredo, onde se confessam temores íntimos e ameaças inlocalizáveis, a neutralidade da interpretação, que se aproximam daquela estética da inexpressividade de que falou Jacques Lourcelles, quando se referia a este “Keaton do trágico”. Neste aspecto, o trabalho de Simone Simon é notável de sobriedade e de contenção, transformando a sua figura numa inesgotável fonte de mistério e de secretas ambiguidades. “Se a introdução do inexplicável no seio da normalidade quotidiana é a essência mesma do fantástico, realizaram-se muito poucos filmes tão radical e permanentemente fantásticos como “Cat People” e “I Walked With a Zombie”, afirma Miguel Marias no seu estudo dedicado ao cinema fantástico de Tourneur.

Rodado em 21 dias, com um orçamento de 130 000 dólares, “Cat People” renderia mais de um milhão, só durante a estreia.



A PANTERA

Título original: Cat People

Realização: Jacques Tourneur (EUA, 1942); Argumento: De Witt Bodeen (com colaboração de Val Lewton); Música: Roy Webb; Director musical: C. Bakaleinikoff; Orquestradores: Leonid Raab, John Leipold; Fotografia (p/b): Nicholas Musuraca; Montagem: Mark Robson; Direcção artística: Albert S. D'Agostino, Walter E. Keller; Decoração: A. Roland Fields, Darrell Silvera; Guarda-Roupa: Renié; Assistentes de realização: Doran Cox, Robert Aldrich; Som: John L. Cass; Efeitos Especiais: Vernon L. Walker; Efeitos Visuais: Linwood G. Dunn; Supervisor: Lou L. Ostrow; Treinador de animais: Mel Koontz; Produção: Val Lewton. RKO. **Intérpretes:** Simone Simon (Irena Dubrovna Reed), Kent Smith (Oliver 'Ollie' Reed), Tom Conway (Dr. Louis Judd), Jane Randolph (Alice Moore), Jack Holt (o comodoro), Henrietta Burnside (Sue Ellen), Alec

Craig (tratador de animais), Eddie Dew (polícia de rua), Elizabeth Dunn (Miss Plunkett), Dynamite (leopardo), Dot Farley (Mrs. Agnew, a porteira), Mary Halsey (Blondie), Theresa Harris (Minnie), Charles Jordan (conductor de autocarro), Donald Kerr (taxista), Connie Leon (vizinho), Murdock MacQuarrie (porteiro), Alan Napier (Doc Carver), Betty Roadman (Mrs. Hansen), Elizabeth Russell (a mulher pantera), Steve Soldi (organista), etc. **Duração:** 73 minutos; Estreia mundial: Los Angeles, 12 de Novembro de 1942; Estreia em Portugal: Lisboa, Éden, 3 de Setembro de 1943; Distribuição em Portugal: Costa do Castelo (DVD); Classificação etária: M/ 12 anos.